

THE SOURCE *mel*
EUCARISTICO,

SERMAÕ DOUTRINAL,

INTIMADO *19782*

Ao Popular da Notavel Villa da Cachoeira nas demonstrações publicas de sentimento, que fez o Convento do Carmo da mesma Villa pelo sacrilego roubo, e execrando desfacato feito ao reverente culto do venerado Sacratio da Cathedral da Bahia no infausto dia de 22. de Fevereiro proximo passado;

PREGADO PELO REVERENDO PADRE PREZENTADO

FR. JOZE DE S^{TA}. ANNA,

Prior actual do Carmo da dita Villa, *Cap 10*

E OFFERECIDO AO SENHOR

ANTONIO DE MACEDO PIMENTEL,

*Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Cavalleiro Professo da
Ordem de Christo,*

Por

PAULO JOZE DE NOJOSA ARISPH



LISBOA OCCIDENTAL;

Na Officina de MANOEL FERNANDES DA COSTA,
Impressor do Santo Officio.

Anno de M. DCCXXXI.

Com todas as licenças necessarias.

THESE OF THE
FUGARISTE
GERMAN DOMINION

A. P. ...
...

F. JOSEPH ... ANNA

ANTONIO ...
...

PAUL ...

...

...

...



EPISTOLA OFFERTORIA.



OFFEREC, O a V.M. este rico
Thesouro, ao qual, incluindo na sua
substancia as preciosidades, e ri-
quezas daquelle Thesouro soberano, em que a mais
rica, opulenta, e Suprema Divindade por occulta
prodigiosamente se encerra: Verè tu es Deus ab-
sconditus, não lhe valeo o ser escondido para dei-
xar ainda assim de ser roubado. Para o roubo da-
quelle prodigioso Thesouro concorreo a desatencão
de hum execrando sacrilegio, que universalmente
sentimos; para o furto deste inclinou-se a piedade
da mais bem intencionada devoção, que nelle real-
mente admiramos. Taõ liberal se mostrou o seu Au-
thor em nos persuadir as suas riquezas, quanto
avaro ao depois em nos dispender as suas preciosi-
dades.

Ifai.45.

dades. Mas, se o explanallas foy zelo, com que deste *Theſouro* nos quiz enriquecer, modestia foy sua o querernos tantas riquezas occultar. Nenhuma cousa melhor que o zelo obriga mais a servir a Deos; e se este se regula pelos dictames de hum coração pio, e benevolo, porque he sem duvida que, como diz o *Euangelista S. Mattheus*, do coração nasce o bem, ou mal, com que se obra: De corde enim

Matth.c.

15.n.79.

exeunt cogitationes; zelo, benevolencia, e piedade grande foy a do *Author* em se offerecer a fazer a Deos este serviço, em que para gloria sua, e consolação daquelle afflictto Povo se quiz em tão breves dias empregar.

Naõ devemos louvar no *Author* a admiravel erudição, com que o seu *Theſouro* enriquece, porèm sim podemos nelle admirar a varia lição, com que na brevidade de tres dias incompletos, assim dos lugares da *Sagrada Escriitura*, como das authoridades dos Santos *Padres* o seu *Theſouro* exorna. Mas, se felizmente se remontaõ os voos da sua fama nos incessantes movimentos da sua penna, com que na *Academia Cesarea*, assim na prosa, como no verso sobre os mais soberanos *Assumptos* escreveu os mais peregrinos conceitos, onde claramente mostrou o raro de seu elevado engenho; naõ se farà a empreza difficil ao *Zoylo*, nem incrivel ao *Aristarco* a repentina, e deliberada resolução do seu projecto, amda quando entre as vozes, e acclamações do *aplausõ* se dà a conhecer ao *Mundo* o seu grande talento.

Na

Na mesma Academia, que na incllyta, e Real Cidade da Bahia, opulento Emporio do Brasiliense Imperio, erigio seu preclarissimo Protector o Excellentissimo Senhor Conde de Sabugosa, Vice-Rey, e Capitaõ General de Mar, e Terra em todo o seu Estado, compoz o Author a primeira parte do seu Poema intitulado Discursos Academicos, e Moraes, que dedicando-o ao mesmo Excellentissimo Senhor Conde, depois de o haver sacrificado às reverentes aras do seu veneravel respeito, teve desca-minho, vendo-se hoje reduzido às pensoens de vil escravo aquelle mesmo, que debaixo da generosa protecção do seu preclarissimo Mecenas, izento da maledicencia dos Zoilos, aspirava em Portugal às vaidosas presumpçoens de Senhor. Alição delle, que nos peregrinos Discursos das suas obras admirey, e achando-me eu na Bahia em varias Conferencias, a que assisti, reconheceraõ os sapientissimos Academicos Gigantes alumnos daquelle nobilissimo Atheneo; nas allegaçoens erudita, nas sentenças prudente, na discrição agradavel: porque no discurso de varios Metros nos insinuou o seu Author a vasta noticia, que tem das letras Divinas, e humanas, das quaes em cada preceito fórma huma idéa para a reformação dos costumes com accommodação tão propria, que bem se pôde dizer que até as letras humanas faz parecer Divinas, como de outro sublimado Engenho disse hum famoso Escritor em semelhante occasiaõ: Humaniores artes in se Divinas efficit; o que admiraremos na sua segunda

gunda Parte, que intenta dar ao prèlo quando a Fortuna se lhe mostre com mais benigno, e agradável aspecto.

Deste Thesouro finalmente, para cuja exaggeração, despido de toda a lisonja, julgo serem menos apurados os mais encarecidos hyperboles, digo que, se muito o encareço, pouco o exaggero. Porém, como todo o meu intuito se dirige somente a communicar a V.M. como a sobrinho seu a gloria, de que seu Author participa, não me quero mostrar sobre exaggerativo apaixonado; mas só direy que, se conforme a Purpura de Hugo todo o Thesouro se compoem de cousas raras: Thesaurus de raris est, neste se achaõ cousas tão raras, que na sua estimação excedem às riquezas de Cresso, ao ouro das minas, à prata do Potosi, às perolas de Ceilaõ, aos diamantes, e rubins da Arabia, e finalmente às esmeraldas da Persia; porque nelle se descobrem os motivos mais efficazes, os documentos mais solidos, os avizos mais conducentes para os progressos de huma verdadeira penitencia, que para o Ceo he o mais certo, e seguro dictame. E se na amisade de Pylades achou hum thesouro Orestes, Pythias na de Damon, Eneas na de Acates, Niso na de Eurialo, e David na de Jonathas; porque, como diz o Ecclesiastico, quem acha hum amigo fiel, nelle descobre hum admiravel thesouro: Thesaurus est fidelis amicus, quem qui invenit, thesaurum invenisse dicitur; se m duvida que, como no fiel da boa amisade, que em V.M. reconheço, se me partici-
pa

H.ig. in
Matth.

Ecc.6.

pa o thesouro da minha mayor estimação, em se da
que lhe tenbo protestado lhe offereço este, que na es-
timação dos entendidos serà o thesouro de mayor
valor. Logre V. M. todas as suas riquezas por di-
latados Evos, e sobre a idade de Nestor os seculos
memorados da Fenix, para que nos progressos feli-
cissimos do seu Author possa contar innumeraveis
annos. Guarde Deos a V. M. Lisboa Occidental 8.
de Dezembro de 1729.

Senhor Antonio de Macedo Pimentel,

De V.M.

Affectuozo amigo, e reconhecido criado

Paulo Jozè de Nojosa Arisph.

L I C E N C A S.

Do Santo Officio.

EMINENTÍSSIMO SENHOR:

Lio Sermaõ intitulado *Theſouro Eucaristico*, e prègado pelo Reverendo Presentado Fr. Jozè de Santa Anna, Prior actual no Convento Carmelitano, sito na Noravel Villa da Cachoeira. E nelle não achey coufa, que encontre a pureza de nossa Santa Fè Catholica, e regra dos bons costumes, antes fim hum discurso bem fundado, pio, e util para mover os peccadores ao arrependimento de seus peccados. Por tanto me parece digno da licença, que pede. V. Eminencia ordenarà o que for servido. Lisboa Occidental na Casa de S. Roque aos 16. de Janeiro de 1731.

Lourenço Ferreira.

Vista a informaçõ, pòde-se imprimir o Sermaõ intitulado *Theſouro Eucaristico*, que prègou o Padre Presentado Fr. Jozè de Santa Anna, e depois de impresso tornarà para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrà. Lisboa Occidental 20. de Fevereiro de 1731.

Fr. R. Alancaſtre. Cunha. Teixeira. Sylva. Cabedo. Soares.

Do Ordinario.

Rode-se imprimir o Sermaõ, de que se trata, e depois de impresso tornarà para se conferir, e dar licença para que corra. Lisboa Occidental 22. de Fevereiro de 1731.

Gouvea.

Do Paço.

SENHOR.

Este Sermaõ doutrinal, (titulo que lhe poz seu Author, ao qual eruditamente satisfaz discorrendo nelle sobre a virtude da penitencia) como for dado à estampa, excitarà aos que o lerem ao mesmo fim, com que se prègou; se faz merecedor de que V. Magestade lhe conceda a licença para se imprimir, porque se pòde accommodar ao seu Prègador o panegyrico de Christo B.N. (Matth. 13. n. 52.) *Omnis scriba doctus in Regno Calorum similis est homini Patrifamilias, qui profert de thesauro suo nova, & vetera.* Este he o meu parecer. V. Magestade ordenarà o que for servido. Convento de S. Domingos de Lisboa Occidental em 5. de Março de 1731.

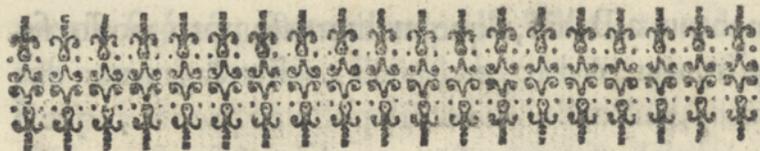
Fr. Manoel da Natividade.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornarà à Mesa para se conferir, e taxar, e dar licença que corra, sem a qual não correrà. Lisboa Occidental 13. de Março de 1731.

Pereira.

Teixeira.

Ubi



Ubi enim est thesaurus tuus, ibi est & cor tuum.

Matth. c. 6. n. 21.



ROUBARAM-NOS o nosso The-
souro? Oh pena grande, porque
he sem duvida! Que, tendo nós
nelle empregados os nossos cora-
çoens, vejamos hoje com a ousadia
deste desacato tão offendida, e
queixosa a nossa Fé? Oh dor excessiva! Que não
saibamos do sacrilego aggressor, que no lo occulta?
He certo, Catholico auditorio, porque do roubo de-
ste Eucaristico Theouro, de cujo sentimento ge-
ralmente participamos, nos estaõ informando em
Harprocratos silencios as linguas mudas, e insensi-
veis linguas. Mas oh que se já antiguamente preten-
dendo Jeremias descrever em profecia os castigos
de Jerusalem, tomou por assumpto os suspiros, e
por exordio as lagrymas, convidando a todos para
os sentimentos: *Deducant oculi nostri lacrymas, & pal-* Jerem. 9.
pebra nostra defluant aquis, com quanta mayor razaõ
havendo eu hoje de descrever, não os castigos de
Jerusalem, porèm sim o mais lamentavel caso, o
mais execrando sacrilegio, que nem nos seculos pas-
sados, nem nas idades presentes já mais experi-

mentou a Bahia; que melhor assumpto posso seguir, que o de começar a expellir lagrymas dos olhos, que melhor exordio posso eu propor, que o de exhalar suspiros do coração, não sey se em profecia infallivel da sua desgraça, ou se em vaticinio irrefragavel da nossa ruina!

Mas ay de ti, oh Bahia, pois, contemplando-te eu ha menos de hum mez pela tua magnificencia emuladora das mais opulentas Babyloñas, hoje com o roubo deste Eucaristico Theſouro te considero de Carthago reduzida às lamentaveis ruinas! Tinha a Cidade da Bahia na sua Cathedral depositado hum Theſouro, em que se incluem os melhores thesouros da vida: *Eucharistia est Theſaurus, in quo sunt omnes theſauri.* Tinhaõ os seus moradores nelle empregado os seus coraçãoes; e vendo que no infauſto dia de 22. de Fevereiro, mez, que logrando na opiniaõ dos Hebreos a nomenclatura de maximo: *Addara apud Hebraeos maximus interpretatur*, conservará perpetuamente na nossa estimaçaõ o titulo de infimo. Vendo finalmente que neste infauſto mez, e infelice dia lhes roubáraõ dos coraçãoes aquella mesmo Theſouro, que os coraçãoes lhes roubava; conhecendo que na synceridade dos seus coraçãoes com o defacato deste soberano roubo ficava mais estabelecida a nossa Fè, como diz o Angelico Doutor Santo Thomàs: *Ad firmandum corpus solum solum sola Fides sufficit*; quasi sem coração de sentimento, não digo bem, sem coração realmente

D. Thom

capitulo. 57

mente ficáraõ, porque naquelle Thesouro todo o seu coração lhes hia. E verdadeiramente que assim havia de ser, porque aonde tinhaõ o seu Thesouro, ahi haviaõ de ter o seu coração: *Ubi enim est thesaurus tuus, ibi est & cor tuum.*

E à vista deste atroz, e execrando caso que fazem os seus Catholicos moradores, que faz a Cathedral, e que faz finalmente a Bahia? Reveste se a Cathedral de pompas negras, enlutaõ se de sentimento os Palacios dos Principes, anojaõ se os mesmos Principes de magoados, suspendem-se os Tribunaes de offendidos, vacilla a Nobreza, agoniza-se a plebe, e porque lhe roubáraõ o seu Eucaristico Thesouro, tudo nella saõ clamores, tudo lagrymas, e tudo suspiros. As Religioens se affligem, o Cabido se entristece, o Clero titubea, a Milicia vacilla. Já fere o rouco parche o ar ao som do destemperado bronze, que com pausa por todas as Forças da Cidade enfraquece os animos quando ainda aos Mavorcios alentos intimida. Retumba a voz do sonoro metal, que impellido do Austro por todos os Conventos, e Paroquias da Cidade geme, repetindo os sinaes, que nos funebres ecos da sua agitação ao mais rigido bronze, e aspero coração lastima. E finalmente todo o povo daquella Cidade, envolto em lagrymas, çoçobrado em clamores, e affogado em suspiros, rompe nas palavras do Real Profeta, dizendo assim: *Dòmine, non est exaltatum cor meum, neque elati sunt oculi mei.* Psal. 13.

aquelle Theſouro precioſo , em que tinhamos o noſſo coração , e em quanto a ſoberana Prenda do Theſouro do noſſo coração não apparece , não ſerá já mais o noſſo coração exaltado , nem ſe levantará os noſſos olhos da terra até não ſabermos quem ſa- crilegamente nos roubou eſte ſoberano Theſouro. Na terra ditosamente gozava o homem deſſe The- ſouro dos Anjos , onde ſe refazia do mais laboroſo ſuſtento : *Ecce Panis Angelorum factus cibus viatorum*; e como da terra lhe falta , para onde , Senhor , para onde nos leváráo eſte precioſo Theſouro ? Se para o Ceo , porque do Ceo para os homens veyo : *Hic eſt Panis , qui de Cælo descendit* ; ſem embargo de o ha- verdes creado para a terra : *Educas panem de terra*; pa- ra o Ceo appellamos , e ao Ceo recorremos. He a Fé huma ſubſtancia das couſas , que ſe eſperaõ , e hum argu mento das que não apparecem : *Fides eſt ſubſtantia ſperandarum rerum , argumentum non apparen- tium*. Na appareção deſte Theſouro Soberano ſe a- lenta a eſperança da noſſa Fé ; e ſe a Eſperança he huma virtude , com cuja confiança ſe eſperaõ os bens eternos : *Spes eſt virtus , qua cum fiducia ſpiritua- lia , & æterna bona ſpectantur* , já que o eſpiritual bem deſte Soberano Theſouro para nós he eterno : *Qui manducat hunc Panem , vivet in æternum* ; vamo lo já a buscar , que Deos no lo mostrará. E de que fórte ? Por meyo da penitencia. Hajaõ procifſoens , hajaõ preces , mortifiquem ſe as noſſas carnes , debilitem ſe os noſſos corpos , afflijaõ ſe as noſſas Almas , que

D. Thom
opusc. 17

Joan. 6.

Ex Eccl.

Joan. 6

logo Deos nos descobrirà o Thefouro, em que temos empregados os nossos coraçoens.

E se isto disse, e isto tem executado o povo da Cidade da Bahia, isto mesmo deve dizer, e isto deve executar o povo da Villa da Cachoeira. Nem este povo perdeu mais, nem aquelle povo perdeu menos, porque, como daquelle Soberano Thefouro, que lhe roubáraõ, igualmente participavaõ: *Summit unus, sumunt mille; quantum isti, tantum ille*, igual deve ser tambem hoje o seu sentimento. O povo devotissimo da Bahia do que deve fazer, o tem já aconselhado; e como, isso não obstante, me occorre por obrigação o aconselhallo, quero agora dizer o que deve fazer neste caso o devotissimo Povo desta Villa.

Taõ estupendo he este caso, Povo Christaõ, e muy Catholico auditorio, taõ incomparavel este desfacato, que não sey como ha coraçaõ, que não desfmaye, e lingua, que não emmudeça. Porém como ha de haver coraçaõ, que desfmaye, como ha de haver lingua, que emmudeça, se a persuasaõ tibia de minhas palavras se faz em tudo semelhante à falta do meu talento? Mas ah Fieis, que he taõ relevante, e efficáz motivo este de vermos o respeito do mesmo Deos ultrajado, que, não fazendo ainda a vossa attenção caso das minhas palavras, elle por si mesmo se nos està convidando ou a que de sentidos vos desfaçais em lagrymas, ou a que de magoados vos enterneçais com suspiros: porque he este caso taõ
la-

lamentavel quando se nos faz hoje digno da mayor ponderação, que está sem duvida mais para observado no interior silencio da nossa apprehensão, do que para considerado, e advertido nos exteriores ecos das minhas vozes. E o certo he que quem só no exterior sente, sim mostra que sente, porém, ainda que muito sente, não mostra que sente muito.

Esta foy a razão, porque Christo bem nosso não quiz fiar o sentimento de semelhante defacato de linguas vivas, senão de silencios mudos. Por isso quiz que o Sol se escurecesse, que a Lua se eclypsasse, que as pedras se quebrassem, que as sepulturas se abrissem, que os mortos resuscitassem, que se rasgasse o veo do Templo, e que finalmente toda a terra se enchesse de escuridades: *Tenebrae factae sunt super univ[er]sam terram*: porque, como no soberano Sacrario do Peito de Christo, quando pregado nos braços da Cruz, houve o defacato daquella cruel lançada, à qual chamou Tertulliano injuria ignominiosa do mesmo Lado: *De injuria lateris*; e no ponto, em que a lança rompeo o Sacratissimo Lado de Christo, se expoz o Sacramento no Peito; sendo o Peito de Christo realmente o venerado Sacrario, em que o Sacramento do Altar se admira representado no seu precioso Sangue, como o traz Ludolfo: *Imò est ipse sanguis, quem quotidie sumimus*; assim como no mesmo ponto, em que a penetrante chave da lança abriu o precioso Theſouro do Sacrario do Lado, e o Sacramento do Altar representado no Sangue se expos

Matt. 16.

Tertul.

Ludol.
de Sax.
104. de
Pass.
Dom.

em

em seu Sacratissimo Peito, como o refere o Euangelista Aguia: *Lancea latus ejus aperuit, & continuo exiit sanguis, & aqua;* assim tambem o Ceo para sentir este delacato havia de produzir nos Elementos todos aquelles effeitos: *Tenebræ factæ sunt super universam terram.*

Este delacato, que no Sacratio, ou Thesouro do Peito de Christo se vio quãdo pregado na Cruz, he o mesmo, que no Sacratio da Sê da Bahia lamentamos com o roubo daquelle Soberano Thesouro. E se o Ceo tanto sentio aquella injuria, para satisfacão desta, que o Ceo igualmente està sentindo, ao Ceo porque não recorreremos? Isto supposto, para vos persuadir a penitencia, que vos intento pregar, consultando eu os Sagrados Doutores sobre as palavras do nosso thema, e inquirendo a razaõ, porque nos manda Christo no presente Texto que façamos os nossos thesouros no Ceo, e nos encomenda que os não tenhamos sobre a terra: *Thesaurizate vobis thesauros in Cælo; nolite thesaurizare vobis thesauros in terra;* achey que falla aqui Christo dos cuidados, e desejos mundanos; e de tal sorte, que se plantarmos os nossos desejos na terra, na terra plantaremos os nossos cuidados, e os nossos coraçõens; se os collocarmos no Ceo, no Ceo collocaremos os nossos coraçõens, e os nossos cuidados, porque onde cada qual de nós tem o seu thesouro, ahi tem o seu coraçõ: *Ubi enim est thesaurus tuus, ibi est & cor tuum.* E se não ouvi a S. Jeronymo, e vos admirareis da propriedade,

D. Hier.
apud
Hug.

dade, com que falla ao nosso intento: *Cor habet gulosus in ventre, lascivus in ludicris, amator in libidine, avarus in pecunia.* De maneira que para o homem conhecer onde tem o seu thefouro, veja no que considera, e advirta no que deseja. Expressamente S. Fulgencio: *Vis nosse ubi thesaurizas? Attende quid amas. Vis nosse quid amas? Attende quid cogitas. Ita fiet, ut thesaurum tuum ex tuo amore cognoscas, & amorem tuum indicio tue cogitationis intelligas.*

D. Fulg.
Serm. de
Confess.

Matt. 13

Lauret.

Estes são os effeitos, que produz a intenção dos que buscão os thesouros da terra, porém vejamos agora as conveniencias, que resultaõ aos que procuraõ os thesouros do Ceo. Diz o Evangelista S. Matheus que he o Reino do Ceo semelhante a hũ thefouro escondido: *Simile est Regnum Celorum thesauro abscondito.* E porque ha de ser o Reino do Ceo a hum thefouro comparado? Porque por este thefouro diz Laureto que se entendem os desejos celestes com a esperança de huma verdadeira penitencia: *Thesaurus in agro est caeleste desiderium, vel spes in poenitentia.* Bem, pois, se estas são as conveniencias, que nos provem deste celestial Thefouro; se para este celestial Thefouro devem propender os nossos desejos, e os nossos coraçõens, fundados na esperança de huma verdadeira penitencia façamos o que fez o Povo da Bahia, vamo-lo tambem a buscar pelo caminho da penitencia, já que por este caminho nos descobre o Ceo os melhores thesouros. O que assim considerado, serà todo o argumento da presente Oração o mostrar

mostrarvos em hum discurso tão breve, quanto mo
 dispenço a brevidade do tempo, que assim como a
 penitencia, que nesta Procissão de preces pretende-
 mos fazer, para que Deos nos não cast gue por este
 execrando caso, nos ha de purificar as nossas Almas
 alimpando as de toda a nódoa de peccado; assim tã-
 bem nos ha de dar forças, para que purificados, e
 limpos os nossos coraçõens possamos delles formar
 degraos, dos quaes fabriquemos hũa bem composta
 escada; pela qual subamos ao Ceo a descobrir a-
 quelle soberano Thesouro. Temos assumpto, e pa-
 ra vos persuadir à penitencia, que nesta occasião vos
 he tão necessaria, nella não tratarey de conceitos ele-
 vados, valendo me para os ornar de subidos, e ele-
 gantes periodos; mas antes abatendo os remonta-
 dos voos à eloquencia só me empenharey em vos
 intimar com traçe charra, e estylo mais perceptivel,
 que elegante para o fruto, que, mediante a graça Di-
 vina, quizera fazer nas vossas Almas, a mais solida,
 util, e importante doutrina.

He a penitencia o principal argumento da pre-
 sente Oração, porque no presente caso só deve ser a
 penitencia a mais certa, e infallivel conclusão deste
 principal argumento. Esta intimou aos peccadores
 nos dezertos de Judea o grande Baptista, e esta devo
 eu intimar na occasião presente ao Povo desta Villa,
 valendo-me da doutrina do Baptista com as suas
 mesmas palavras: *Pœnitentiam agite.* De tres modos Matth.
 se deve considerar a penitencia. Em quanto 3.º Sacra-
 3.º

mento instituido por Christo Senhor nosso; em quanto virtude moral, com a qual o homem revestido de huma perfeita, e intrinseca dor do seu coração detesta, e abomina os seus peccados; e em quanto diz acto de virtude ordenado, e dirigido a satisfazer a pena merecida pelos taes peccados. Neste sentido pois he que falla o Baptista quando não só nos diz que façamos penitencia: *Pœnitentiam agite*; mas tambem nos declara que a devemos fazer, porque he para nós já chegado o Reino dos Ceos: *Appropinquavit enim Regnum Cœlorum*. E porque? Porque vio que estava o Reino dos Ceos já tão proximo para os penitentes, que o mesmo Christo lhes abria as portas. He resolução de hum Douto: *Assignat Joannes, diseste, rationem cur homines debeant agere pœnitentiam; quia videlicet Regnum Cœlorum appropinquaverat, ut janua Cœli aperiretur per Christum*. Isto supposto, temos nós já para a felicissima entrada, que pretendemos, não menos que pelo mesmo Christo as portas do Ceo abertas; porém, como para as acometermos nos he primeiro muy necessario o facilitar a entrada, formando huma escada para subirmos a elle, entremos primeiramente a fabricar os degraos della. E quaes haõ de ser? Os nossos proprios coraçãoes, e os nossos proprios coraçãoes nos haõ de compor os degraos da escada, por onde para havermos de descobrir aquelle soberano Thesouro pretendemos hoje subir ao Ceo? Sim, e senão vede.

Psal. 13.
n.6.

Beatus vir, cujus auxilium abs te: ascensores in cor-
de

de suo disposuit, in valle lacrymarum, in loco, quem posuit. Bemaventurado, diz o Psalmista, he o varaõ, que com auxilio de Deos fórma escadas de seu coração para subir ao Ceo, de que determina gozar. E sem duvida que falla aqui David dos penitentes, e os beatifica, porque sabem purificar os seus coraçãoes, e delles formar escadas para subirem ao Ceo a ver a Deos: *Beati mundo corde, quoniam ipsi Deum vident.* Bemaventurados são os limpos do coração, diz o Euangelista S. Matheus, porque se fazem merecedores de ver a Deos. Explicando S. Jeronymo quaes sejaõ estes Bemaventurados, e limpos de coração, diz que são aquelles, a quem a consciencia não argue de peccado: *Beati mundo corde, quos non arguit conscientia ulla peccati.* O mesmo sentem Santo Agostinho, S. Leão, S. Bernardo, huma, e outra Glossa. Neste sentido parece que fallou o Real Profeta quando disse: *Cor mundum crea in me, Deus.* Senhor, creay em mim hum novo, e limpo coração, e sem duvida que para o ver, porque lhe pede logo no seguinte numero do mesmo Psalmo que o não aparte da sua vista: *Nè pr. jicias me à facie tua* Como quem sabia o quanto nos he precilo o revestirmo nos de hum coração puro para ver a Deos; pois he certo que além de outras innumeraveis virtudes nos mãta Deos que sejamos castos, e puros não só do corpo, mas tambem do coração. Ouvi a Theofilato: *Christus jubet cum aliis virtutibus mundos nos esse; hoc est, castos esse non solum corpore, sed corde.* E por isso nos diz o Euangelista que

Matth. 5.

D. Hier.
D. Aug.
D. Leo.
D. Bern.
Gloss.

Psal. 50.
n. 12.

Theophi

ſão Bemaventurados os limpos de coração, porque ſe fazem dignos de ver a Deos: *Beati mundo corde, quoniam ipſi Deum videbunt; hoc eſt, facie ad faciem in eterna Beatitudine*, diz hum Moderno, cujo parecer

concorda com as palavras do Pſalmo 23. *Quis aſcendat in montem Dòmini, aut quis ſtabit in loco ſancto ejus? n.3. & 4. Inveniens manibus, & mundo corde.*

Esta deve ſer a razão, porque diz o Cardeal Hugo que para ver a Deos nos he neceſſario ter o coração limpo, e puro como hum eſpelho: *Mundandum eſt cor hominis ut ſpeculum*. E porque para ver a Deos ha de ſer o coração do homem ſemelhante ao eſpelho? En o digo. Porque, aſſim como nos reflexos do eſpelho mais puro ſe representaõ os objectos, que ſe lhe offerecem, aſſim tambem o coração do homem, ſendo puro como o eſpelho, ha de representar a ſua face na Face de Deos, que nella eſtã reflectindo, e que nelle ſe eſtã vendo: *Mundandum eſt cor hominis ut ſpeculum, ut Deo inſp. etori faciem exhibeat ostendendam*. Isto ſuppoſto, para que Deos ſe poſſa ver nos eſpeelhos dos noſſos corações, he neceſſario que tratemos já deſde agora de purificar eſtes eſpeelhos. E como, ou de que ſôrte? Verdadeiramente com lagrymas, e ſenaõ voltemos a Hugo: *Mundatur ſpeculum ablutione lacrymarum*, diz elle. Haõ ſe de purificar os eſpeelhos dos noſſos coraçoes com lagrymas, porque ſão as lagrymas do coração o baptisterio, e a Probativa piſcina, em que ſe lavaõ os ſacrificioſos que a Deos ſe offerençaõ, para que lhe ſejaõ agradaveis, e bem aceitos.

O primeiro, e mais agradavel sacrificio, que se offereceo a Deos, acho que foy de agua. Mas que agua foy esta? A dos olhos, e senão vede. Offereendo Abel a Deos aquelles cordeiros em sacrificio como melhor testemunho da fè, com que por Deos o reconhecia, e venerava o seu coração, tanto se agradou Deos desta offerta, que logo mostrou fôrta satisfeito daquelle sacrificio. Offereceu tambem Cain sacrificio a Deos em testemunho da sua fè, e diz o Chronista Sagrado que Deos deste sacrificio se não agradára: *Respexit Dòminus ad Abel, & ad munera ejus, ad Cain verò, & ad munera ejus non respexit.* Pois como assim, se ambos offereceraõ igualmente sacrificios a Deos em asseveração da fé, com que de todo o seu coração o adoravaõ, porque agradando se Deos do sacrificio de Abel, não se satisfaz da offerta de Cain? A razão he: porque Abel quer dizer pranto: *Abel id est luëtus*; e como ao pranto com propensão naturalissima sempre acompanhaõ as lagrymas, por isso nos quiz Deos mostrar que hum sacrificio acompanhado com lagrymas he para elle a mais pura, e agradavel offerta, e o mais bem aceito de todos os sacrificios. Assim o diz Santo Agostinho: *Hæc sunt munda munuscula, luëtus, & lacrymæ.* E se as aguas dos olhos são testemunhos evidentes da dor, com que o coração as distilla, acerto he logo fazer menção das lagrymas, para que com ellas fiquem mais puros os espelhos dos nossos coraçoes.

Com lagrymas purificou a Magdalena o espe-
lho

Lib. Gen
c. 4. & 5.

D. Aug.

lho do ſeu coração quando com ellas ſe deſſangrou contrita. E ſe os corações ſão eſpelhos huns dos outros, como vulgarmente ſe diz, por iſſo diſtillando a Magdalena o ſeu coração pelos olhos, foy tal a correspondencia amorosa daquelles dous amantes corações, o de Chriſto, e o da Magdalena, que, vendo a Chriſto na morte de Lazaro tão chorosa, lhe quiz jogar lagrymas com lagrymas em prova do grande amor, que lhe tinha: *Ecce quomodo amabat eum. Lacrymatus eſt JESUS.* Premiua de tal ſôrte com lagrymas, que ficáraõ precioſas nos olhos Divinos.

Tão precioſas foraõ aquellas lagrymas, que como riquiſſimas perolas mereceraõ ſer depositadas nos theſouros de Deos, que como penhor de mayor valia as havia já mandado rubricar no ſeu livro: *Posuiſti lacrymas meas in conſpectu tuo*, diz o Real Profeta. Senhor, puzeſtes as minhas lagrymas nos voſſos olhos. Pois como aſſim, paſſáraõ para os olhos de Deos as lagrymas de David? Sim, que eſſa he a eſtimação, e o apreço, que Deos faz das lagrymas quando ſão vertidas de hum coração contrito, porque ſão como perolas riquiſſimas, que dos olhos paſſaõ para os theſouros de Deos.

Aſſim como na breviffima eſfera de huma concha com os orvalhos da Aurora ſe anima, e aperfeiçoa a perola; aſſim tambem no abreviado mappa do peito cõ o boriſto das lagrymas ſe alenta o coração, e ſe purifica. Eſtála a concha opprimida do artifice, que ambiciozo a fere, quando de improvifo della

Pſal. 55.
n. 9.

salta a aperfeiçoada perola vertendo de si o ouro, e candido licor, que para a sua formação a Aurora lhe communica. Parte-se o peito aos golpes da dor, que para a pureza da Alma he o mais proprio, e accómmodo artifice, e com a mesma percussão, cõ que a dor o aballa, expellindo de si o coração, de si exhala o purissimo licor, que distilla resumido à copiosa inundação das lagrymas, que verte. He a perola do mar a primogenita da concha; são os parpados dos olhos as madres perolas das lagrymas, e assim como no estreitissimo berço da concha unido o licor do orvalho à perola o anima, e aperfeiçoa, assim tambem no limitado jazigo do peito communicadas as lagrymas ao coração, que as verte, o alentaõ, e purificaõ.

Em igual proporção se vem as perolas, e as lagrymas, porque se achão o coração, e a concha no mesmo equilibrio. Se o golpe, com que o artifice fere a concha para della tirar a perola, he forte, e violento; naquelle corpo de neve, em que a perola tem por alma não sey que rayos de sangue, como diz o Alapide: *Singularis est gratia margaritam clara luce illustratam intus rubescere, ac velut animam habere sanguinem;* logo, sendo candida, se retrata sanguinolenta. Se a dor dos peccados he taõ intenção, que como penetrante espada traspassa o coração, sendo as lagrymas sangue da Alma, e do mesmo coração, como diz S. Gregorio: *Quasi quidam sanguis cordis, & Anima lacrymae sunt;* logo as perolas das mesmas lagrymas para os thesouros de Deos se convertem em preciosos rubins. Lo-

Alap. iii
Apoc. 2. v
n. 25.

D. Greg.

go como pregaõ publico dà arrependimento , ou como as lagrymas de David paſſaõ dos olhos de quem as verte para os olhos, e theſouros de Deos, que tanto dellas ſe agrada quando com ellas purificamos os eſpelhos dos noſſos coraçõs. Mas ah que ſendo tantas, ou mayores que as culpas de David as noſſas culpas, ſendo em nõs indeleveis por actuaes as manchas deſtes eſpelhos; oh como temo que aſſim como eſtaõ taõ longe as lagrymas dos noſſos olhos dos noſſos coraçõens, aſſim para a pureza deſtes eſpelhos fique menos prompto o remedio das lagrymas por intempetiſtas! Vertaõ-ſe a tempo as lagrymas, que logo as manchas dos eſpelhos ſe apagarãõ a tempo.

Aquelle ſoberano Mannà, que em lacrymozos orvalhos dos theſouros do Ceo distribuia Deos para ſuſtento do Povo, caindo todos os dias, ſe de hum para o outro ſe guardava, o que hontem era laborozo regalo, hoje era corrupçaõ, e conhecido veneno, que tal mudança nelle fazia a dilacãõ de hũa só noite. Taes como iſto ſaõ os effeitos, que produzem as lagrymas quando ſaõ vertidas para a confeccãõ de hum verdadeiro arrependimento. Mannà realmente distribuido dos theſouros do Ceo he eſte ſoberano Mannà, em cujo theſouro temos empregados os noſſos coraçõs. Se eſte Mannà ſe não deixa perder por huma só noite, ou ſe neſta noite lançarmos mão deſte Mannà, ficaremos com elle taõ utilizados, e enriquecidos, que nelle teremos rega-

já Cromacio: *Per calorem solis fit*; e que o se-
 quiet vio ser Querubim na sciencia, primeiro
 o vio Vitulo, porque primeiro havia de ter o
 trabalho de vitulo, que a sabedoria de Queru- Ex Ezech'ele
cap. 1. & 10.
 bim: *Facies autem bovis: facies una, facies Cherubim.*

Em fim, senhores, temos visto a Jerony-
 mo sal, e na sua primeira letra S. sabio pelas
 aguas de sua sabedoria, por que assim como
 para o sal material a primeira cousa, que con-
 corre, he a agua, assim para o sal mystico da
 Igreja a primeira cousa, que concorreu foy a
 sabedoria: *Aqua significat sapientiam*; porque as-
 sim comprio o mandato do Senhor, que man-
 da que os Doutores sejaõ sal da terra: *Vos estis
 sal terre.*

SEGUNDO DISCURSO.

VImos como o Mar concorreu com as
 aguas para este sal mystico, vejamos ago-
 ra como o Sol concorre com seus fogosos, e
 ardentes rayos, para a sua composiçãõ; isto
 he, vimos como na primoira Letra S. do no-
 me sal foy Jeronymo hum Mar de sabedoria,
 vejamos agora como na segunda letra A. foy
 todo calor no amor.

Que o calor do Sol seja o segundo requizi-
 to, que concorre para o sal material, o disse
 já Cromacio: *Per calorem Solis*; e que o se-

gundo requizito, que desse concorrer para o Sal mystico da Igreja, seja o amor o disse tambem já Laureto: *Calor fervorem charitatis significat*; e que Jeronymo seja todo fogo, e todo calor pelos excessos de seu amor, isso direy eu neste discurso, que affim o prometti mostrar na segunda letra do nome sal. *A. amante.*

Que hum coração amante seja hum Sol todo ardente, cousa he muito sabida, q̄ hum coração amante seja hum Etna animado cousa he muito certa, q̄ hum coração amante seja hũ Vezuvio racional, cousa he muito notoria q̄ hũ coração amãte seja huma Maripoza abrazada, cousa he muito infallivel, q̄ hum coração amãte, seja hum Fenix renacido, cousa he muito manifesta, e que hum coração amante seja huma salamandra ignita, cousa he muito vulgar; e que Jeronymo fosse huma salamandra ignita, hum Fenix renacido, huma Maripoza abrazada, hum Vezuvio racional, hum Etna animado, e hum Sol todo ardente; cousa he muito certa, sabida, notoria, infallivel, manifesta, e vulgar. Oh valha-te Deos por Jeronymo, dizeme, por ventura es homem mortal, ou es o mesmo calor do fogo? De sôrte, que atègora eras hum Mar, agora es hum calor de fogo? Mas deixem, senhores, que he Mar, e he

he Fogo, porque nisto he que mostra ser em tudo hum portento.

Attenção, attenção, diz a mais generosa Aguia do melhor Jupiter Jesu Christo, o mimoso Evangelista digo, attenção diz pois, porque vi o mayor milagre, e mais digno de admiração, que se pôde ver na terra, e no Ceo: *Et vidi aliud signum in Cælo magnum, & mirabile.*

(27) Pois, que he isto, elevada Aguia, que encarecimentos são estes, que tanto expressais por grande, e admiravel? Que portento he este, que prodigio, que maravilha? Oh que responde o Evangelista: vi com os meus olhos hum Mar como de cristal todo misturado

com fogo: *Et vidi tanquam mare vitrium mixtum igne.* (28) Ah sim! Pois muita razão tendes, (27) Apocal. 19: Ex eodem Apocal.

mimoso Evangelista. Ver hum mar misturado com fogo; pois dizey com muita razão que isto he huma maravilha grande, hum prodigio admiravel, e em tudo hum portento:

Et vidit aliud signum in Cælo magnum, & mirabile.

Pois, senhores, se o mimoso Evangelista com tanta razão se admira de ver hum mar misturado com fogo, que o tem por hum portentoso prodigio; *Magnum, & mirabile*; nós, que hoje vemos no Mar da sabedoria de Jeronymo os incendios amorosos de seu coração,

que havemos de dizer, senão com o Evangelista que Jeronymo he hum portentoso, Jeronymo he hum prodigio, Jeronymo he huma maravilha: admire-se muito embora là o mimoso Evangelista de que no Ceo vio mar, e fogo misturado, que nós cá nos admiramos de ver no Ceo deste Convento o Mar da sabedoria misturado com o fogo do amor. Mas que muito, senhores, se Jeronymo não só era sabio, mas amante, não só tinha a primeira letra de sal S. Sabio, mas tambem a segunda A. amante; não só tinha as aguas de que o sal se compõem, mas tambem o calor, que he o segundo requisito: *Natura salis per aquam, per colorem solis fit.*

Porém perguntára eu agora, e quando foy Jeronymo mais admiravel? Quando sabio, ou quando amante? Quando agua, ou quando calor? Para dizer com acerto, dissera que sempre foy hum prodigio; mas para reponder confor o discursão, digo, que os excessos do seu amor se aventejaraõ à sua sabedoria.

Banhado em agua de hum poço estava o sacrificio solemne do Sacerdote Neemias, quando tocando a agua da victima os ardores do Sol, se accendeu fogo taõ grande, que despertou admiraçoens em todos os circunstantes:

Fussit

Fussit Sacerdos Nehemias aspergi ipsa aqua, utque hoc factum est, & tempus adfuit, quo Sol refulsit, qui prius erat in nubilo accensus est ignis magnus, ita ut mirarentur omnes. (29.) Valhame Deos senhores! Tan-

tas admirações! Eu bem reconheço hã bastante motivo; mas procuro, e qual he a causa principal de se admirarem os circunstantes? Direy para o nosso intento: Vio-se neste sacrificio agua, e fogo tudo junto, vio-se, que o fogo se aventajava á mesma agua: *ignis magnus*: Ah sim! E quando se ajunta agua, e fogo, levar ventagem o fogo à agua: oh que bastante motivo tem todos para se admirarem: *Ita ut mirarentur omnes*: agora ao nosso caso.

Nas aguas està figurada a sabedoria, no fogo simbolizado o amor, e quando se ajunta a sabedoria, e amor aventajar-se o amor à sabedoria, isto he o prodigio, e a maravilha; e se Jeronymo era hum Mar de sciencia, e o mesmo fogo do amor, aventajar-se este fogo àquelle mar, he, que o faz mais admiravel: e assim bem dizia eu, que mais admiravel era Jeronymo por amante de Deos, do que por sabio: ainda me não dou por satisfeito he me preciso ainda confirmar esta verdade.

Busca a Magdalena a Christo Senhor nosso em casa do Fariseu, qual amante Mariposa a

(29)

No lib. 2. dos
Machab. Caps

1.

luz, porque vivia, e porque morria; feita toda hum exemplar de virtudes, a que até alli tinha fido escandalo da modestia; lança-se aos pés de Christo, abre os diques a seus dous caudalosos rios, e começa a regar seus Divinos pés de tal sorte, que a nollo modo de entender, não podendo já o Senhor tomar pé em tantas finezas, rompeu em estas palavras, dizendo, que a Magdalena amou muito: *Quoniam dilexit multum.* (30.) Pois Senhor daime licença para formar hum reparo, e melhor conhecer a verdade. A Magdalena vem feita hum Etna de amor, está feita hum mar de lagrymas, pois se conheceu a si peccadora, e a vòs todo bondade. Se lhe quereis perdoar as suas culpas louvaille a sua penitencia, o mar das suas lagrymas, e o seu conhecimento? Logo como lhe louvais só o amor de seu coração? Direy, senhores, vio-se nesta occasião o conhecimento da Magdalena em mar de lagrymas, vio-se o seu coração abrazado em incendios: ah sim! Quando se ajunta mar com fogo, mar de conhecimento com fogo de amor, sempre os incendios de hum coração amoroso se aventajaraõ, e por isso o Senhor só lhe louva os incendios de seu coração: *dilexit multum.*

(30)
S. Luc. Cap. 7,

Que Jeronymo fosse amante de Deos em
grão

gráo summo a sua vida he evidente prova desta verdade; digaõ-no as inauditas penitencias de fincoenta annos sem comer coula cozida, só paraque assim se entregasse á contemplação do amor de Deos; digaõ-no os trabalhos, e as perseguições em converter Herejes, diga-o a grande lida em ordenar o Officio Divino por horas Canonicas, o Psalterio por ferias, e a cada Psalmo *Gloria Patri*, como lho ordenou Saõ Damasco: *Qui Psalterium per ferias, & nocturnos, & horas alias Canonicas divisit, & gloria Patri in sine Psalmorum cantari instituit, epistolas, & Evangelia per anni circulum, cæteraque omnia ad officium pertinentia ordinavit, quod Papa Damasus approbavit, & Ecclesiæ celebrandum tradidit.* (31.) Isto tudo levado daquella chama do amor Divino, que ardia em seu coração.

(31)

Ita Episcopus
Equilinus.

Mas se Deos he tão correspondente em amor, que ama a todos os que o amaõ: *Ego diligentes me diligo.* (32.) Oh quanto seria Jeronymo amado, sendo tão amante! Digo pois, que foy tão amado de Deos, que pelo seu amor lhe sojeitou Ceo, e terra com todas as creaturas: o Ceo despedindo hum rayo, com que abrazou a hum Hereje, que primeiro se tinha convertido em tronco, por dizer, que Jeronymo merecia queimado, pagando o Hereje com

(32)
Ex Proverbis.

este o atrevimento de fallar em Jeronymo amores de Deos: a terra sujeitando-lhe todas as creaturas, assim racionaes, como irracionaes, aquellas buscando-o de todas as partes do Mũdo para seu alivio, estas depondo a sua feresa em seu obsequio: não posso deixar em silencio o estrodozoso caso, que succedeu a São Jeronymo com hum feroz Leaõ, porque evidentemente prova a sujeição, em que poz as feras por amor, que o Senhor tinha a Jeronymo.

Hum dia à tarde estando os Religiosos juntos para a lição Espiritual, quando de repente apparece hum feroz Leaõ, e deixando atemorizados a todos os Religiosos, cada hum cuidou de se pôr em salvo, metendo-se em a sua cella, ficando só o nosso Maximo Doutor São Jeronymo; chega-se o Leaõ a elle, e lhe mostra huma mão que trazia ferida, o Santo tratou logo de lha curar, e depois de convalecido ficou o Leaõ no Convento todo domestico; o Santo com graciosidade lhe disse: Irmaõ vòs comeis, pois haveis de trabalhar, tereis cuidado de hir com o irmaõ jumentinho buscar lenha, e o mais que for necessario, guardando-o de que lhe não succeda cousa alguma.

Caso grave! Como se o Leaõ fosse capaz de razaõ, promptamente obedeceu, e assim hia e vinha

e vinha com o jumento , servindolhe de almo-
creve ; hum dia depois de ter vindo de fora , e
ter comprido a sua obrigação , sahio para o
campo o Leão com o jumentinho, deitou-se o
Leão a dormir, e o jumentinho se apartou pa-
ra longe , e passando huns mercadores por hu-
ma estrada , achando o jumentinho sem dono
o levarão comsigo, acordando o Leão , e não
achando o seu companheiro, discorrendo por
toda a parte o não achou , em fim voltou para
o Convento , e como se fosse capaz de senti-
mento , mostrava no semblante sua tristeza,
pois não dava conta do que se lhe tinha entre-
gue.

Alguns dos Religiosos começaraõ a dizer ,
o Leão devia ter comido o jumentinho ; entãõ
o Santo com a mesma graciosidade lhe disse :
Pois irmão Leão , deixastes perder o vosso
companheiro , pois agora fareis vòs , o que el-
le havia de fazer ? Promptamente obedeceu o
feroz Leão; hia buscar a sua carguinha de le-
nha , e o mais que era necessario , e assim pas-
sou algum tempo , padecendo todo o traba-
lho o innocente Leão ; atè que hum dia depois
de ter vindo de trazer a lenha , sahio ao campo,
e correndo de huma parte para a outra , quan-
do là ao longe vé vir huns mercadores com os

Camelos.

Camelos carregados de azeite, e entre elles o seu companheiro o jumentinho, dà de repente sobre elles, e ao primeiro terrivel rugido fogem os homens, cada hum para sua parte; huns sobiaõ arvores para segurar a vida, outros fugiaõ para onde podiaõ, os Camelos todos se espalharaõ, e só ficou o jumentinho.

Entaõ o Leão ajuntando os Camelos, e o jumentinho tudo trouxe para o Convento, chegando á portaria, entrou o Leão fazendo festa a todos os Religiosos com semblante muito alegre, pois se via restituído do seu credito; o Santo reconhecendo por inspiração Divina o que havia de succeder, mandou descarregar os Camelos, e preparar de comer para os donos, que haviaõ de vir; assim succedeu; chegaraõ estes ainda espavoridos, e não se dando por seguros, o Santo entaõ lhes disse; que os Camelos estavaõ no Convento sem prejuizo da fazenda; e dandolhe huma refeição corporal, lha deu tambem espirital, de que se contentassem só com o seu, e não quizessem o alheyo, e que por terem levado o jumentinho tiveraõ o grande sobressalto com o Leão, que era domestico daquelle Convento: os homens prostrados por terra louvaraõ a Deos: elles, e seus descendentes pagaraõ sempre hum foro de azeite

azeite àquelle Convento: este caso he traduzido do Illustrissimo *Petrus de Natalibus no seu Catalogo Sanctorum*: logo já fica provado, de que Deos sujeitou a Jeronymo não só as creaturas racionaes, mas ainda os mais ferozes brutos, por q̄ a tudo o obrigava a sua bondade, e amor. Mas eu não posso deixar de considerar, que se Jeronymo he taõ caritativo para todos, que será para seus filhos! Mas oh, que isto não tem explicação! e se he preciso, que eu lha dé, só me satisfaço com dizer, que Jeronymo para com seus filhos he hum amante Pelicano.

Là dizia David, q̄ era semelhãte ao Pelicano

do mato: *Similis factus sum Pelicano solitudinis.* (33)

(33)
Ex Psal. 101.

Pregũto, e q̄ tem o Pelicano para q̄ David diga,

que he semelhante a elle? Direy senhores; o Pelicano diz Brecorio no seu Reductorio Moral,

q̄ vivifica com seu sãgue a seus filhos: *Pullos suos*

mortuos inveniens virtute sanguinis ipsius ipsos ad vi-

tam suscitatur, & reducit. (34) Mais diz o nosso

(34)
Ex Brec. lib. 7. Cap. 98.

Doutor Saõ Jeronymo, que David se interpreta dilecto: *David id est dilectus.* (35) Ah sim?

(35)
Ita in interpretationibus in fine Bibliæ.

Pois David he dilecto, pois seja sememelhan-

te ao Pelicano em o mato: *Pelicano solitudinis,*

para que se conheça, que hum dilecto só lhe es-

tã bem ser Pelicano no mato para com seus fi-

lhos: *Similis factus sum Pelicano solitudinis.*

Pois

Pois se Jeronymo he dilecto do mesmo Deos bem fiz eu em lhe chamar Pelicano, e neste Convento: *In solitudine*; paraque assim se conheça, que Jeronymo para com seus filhos heo Pelicano, que neste matto os vivifica com o sangue de seu paternal affecto: *Similis factus sum Pelicano solitudinis.*

Estes são senhores os incendios do amor de Jeronymo todo amante, ou todo amado, que prometti mostrar na segunda letra do nome sal. A amante: *Calor fervorem charitatis significat*, concorrendo com o fogo de seu amor para o sal mystico, assim como o calor para o sal material: *Natura salis per calorem Solis constat*; e assim compriro Mandato do Senhor, que ordena, que os Doutores sejaõ sal da terra: *Vos estis sal terræ.*

TERCEIRO DISCURSO.

Vimos como o mar concorreu com as aguas, e como o calor concorreu com a sua actividade, vejamos agora como tambem o ar concorre para a composiçaõ deste sal; isto he; vimos como na primeira letra S. do nome sal foy Jeronymo hum Mar de sabedoria; vimos, como na segunda letra A. foy todo aman-

te por ardente; vejemos agora como na terceira letra L. foy todo liberal.

Que o ar, ou vento seja requisito que concorre para o Sal material, disse-o Cromacio: *Natura salis per flatum venti*, e que o terceiro requisito, que deve concorrer para o Sal mystico da Igreja seja a liberalidade, disse-o já Laureto: *Aer dona Spiritus Sancti*; e que Jeronymo seja todo liberal, isso direy eu neste discurso, que assim o prometti na treceira letra do nome sal L. Liberal.

Primeiramente, que o Espirito Santo seja como ar, ou vento o disse Tertulliano: *Est ventus à Deo excitatus*: (36.) Que o Espirito Santo seja todo liberal he de fé, e titulo que lhe dá a Igreja: *Veni dator munerum*. (37.) Logo o ar, ou vento he symbolo da liberalidade do Espirito Santo, & contra a liberalidade do Espirito Santo está figurada no ar, ou vento; e se São Jeronymo foy Sal mystico da Igreja, e para a composição do Sal material se requiere ar, ou vento, para a composição do Sal mystico se requiere a liberalidade, como dadiva do Espirito Santo: *Aer dona Spiritus Sancti*.

Congregados os Apostolos, e mais Discipulos de Christo Senhor nosso em o Cenaculo, ansiosamente esperavaõ a vinda do Espirito

(36)

Tert. advers.
Hermeg.

(37)

Ex sequentia
ejus Mist.

rito Santo, quando de repente vem como ar,
ou vento grande, e ahi os encheu de celestiaes
dadivas: *Factus est repente de Cælo sonus, tanquam*

(38)
Ex Acta Apost
2.

aduenientis spiritus vehementis, & replevit totam domum ubi erant sedentes. (38) Valhame o Ceo!
Pregunto pois se o Espirito Santo vinha a ensinar aos Apostolos, conforme o Senhor Ihesus tinha ditto: *Ille vos docebit omnia, quæcunque dixerit vobis.* (39) Porque não usa de outra forma, ou

(39)
S. Joan. Cap. I.

figura? Não era mais propria a da pomba, com que tinha já apparecido para nos certificar da Divindade de Christo: *In columbæ specie Spiritus Sanctus visus est?* (40) De forte, que nesta forma,

(40)
S. Joan. Cap. I.

não; e só fim como vento, ou ar he que nesta occasião hade vir: *Factus est repente de Cælo*

(41)
S. Joan. Cap. I.

sonus tanquam aduenientis spiritus vehementis: Sim, e he a razão; tinha Christo Senhor nosso dito a seus Discipulos, que havião de ser sal: *Vos estis sal.* Ah fim! E para os Discipulos serem verdadeiro sal havião de ter o ar da liberalidade, e como esta he o Espirito Santo, e está figurada em o ar, ou vento, por isso como vento, ou ar he, que vem a ensinallas a serem sal mystico da Igreja por liberaes: *Factus est repente de Cælo sonus, tanquam aduenientis spiritus vehementis:* bem está. E se a liberalidade he o terceiro requesito do Doutor da Igreja, assim como

mo. para o sal he o ar, cu vento; oh quanta foy a liberalidade de Jeronymo, pois tanto ar teve do Espirito Santo! Para com evidencia provarmos isto, precisamente havemos recorrer á sua vida, ou para melhor dizer á sua morte.

Achava-se o nosso Doutor Maximo Jeronymo já nos ultimos paracismos da vida, e chamando a todos os seus filhos, alli lhes fez as admoestações, que o seu paternal amor lhe dictou; e recebidos os Sacramentos com aquella disposição, que de seu amante coração se pôde collegir, mandou, que o puzessem sobre a terra, e o cubrissem com o sacco costumado. De repente começaram a apparecer em a cella humas luzes resplandecentes, mandou, que se lhe diffesse o Cantico de Semeaõ, o qual ditto, appareceu huma luz maxima como o Sol em o seu Zenith, ou meyo dia, e a voz do Salvador que o chamava para gozar da Bemaventurança; a que o Santo respondeu, que estava aparelhado, e logo o sempre inclyto Doutor Jeronymo, deixando a todos seus filhos em huma triste saudade se foy com o Senhor aos nove e nove annos, e seis mezes de sua idade, e foy sepultado em o Prezepio donde Christo Senhor nosso nasceu: (ah senhores aqui largá-

ra eu as velas ao discurso para ponderar esta
 tão grande dignidade, se não me puxara o
 querer mostrar a liberalidade, com que Jero-
 nymo se ostentou nesta occasião.) Sepultado
 pois em tão honorifica sepultura, já mais a al-
 guem concedida, começou Jeronymo a osten-
 tar a liberalidade, com que Deos o dotou. Ce-
 gos receberão logo vista, surdos ou viraõ, lepro-
 sos sarãrão, e de todo o genero de enfermida-
 des ficaraõ de todo livres; em fim os thesouros
 da liberalidade Divina nesta occasião se viraõ
 abertos, porque foraõ tantos os milagres, fo-
 raõ tan.os os prodigios, que o Autor, que es-
 creneu a sua vida diz, que não tem numero, e
 todos estupendos: *Alia quoque signa, & miracula
 Stupenda, & innumera per sanctum suum Dominus
 operari dignatus est.* (41) Oh bendita seja a Bon-
 dade Diviua, que assim acredita a santidade de
 Jeronymo.

(41)
 Ita Petrus de
 Nactibus.

Mas preguntára eu agora ao meu auditorio
 he Jeronymo liberal? Tem o requisito do sal
 mystico da Igreja? Tem o ar do Espírito San-
 to? Mas oh quem o póde duvidar? Eu não,
 nem ninguem, que souber os prodigios de sua
 vida? Porém eu não posso deixar de neste ca-
 do entrar com discurso ponderativo, e he; se
 por sua morte se ostentou Jeronymo tão
 liberal,

liberal, que deixaria elle a seus filhos?

He estabelecido por ley civil, que os pays se ostentem mais liberaes para com seus filhos:

Valere donationes placet inter liberos, & parentes in quocunq; solo, & cujuslibet rei liberalitas probabitur extetisse. (42)

E assim grande herança teriaõ os illustres filhos de Jeronymo pela morte do máximo Doutor seu Pay; mas pregũto, e qual seria esta herença? Eu o direy, deixoulhes o que tinha; deixoulhes as aguas da sabedoria, deixoulhes o zelo ardente do amor de Deos, e deixoulhes a liberalidade, para q̄ cõ estas riquezas fossem todos sal mystico da Igreja como elle?

Oh que enriquecidos considero eu aos filhos de Jeronymo com tal herança! E que bem aproveitados com taes riquezas! Digam-no os innumeraveis Doutores com que esta sagrada Religiaõ sempre floreceu com a agua da sabedoria; digam-no tantos varões Santos, quantos floreceraõ em virtude, e santidade, que quasi se perde o algarismo; digam no todos aquelles, que ostentaraõ a liberalidade de sua doutrina nos pulpitos, e confessorarios, despovoando a terra para encher o Ceo; finalmente tantos Reformadores, Confessores dos Papas, dos Reis Bispos, Arcebispos, Cardeaes, e em fim *Turba magna*, *quam dinumerare nemo potest.* (43)

(42)
L. justa Divi
Pii 4. tit. 12
de notationib
lib. 8. fol. 203
in Cod.
Theodos.

(43)
Apocal. c. 7.

E todos hoje por filhos de Jeronymo seus companheiros em o Ceo, que o imitáraõ na vida.

Mas oh meus illustres filhos de Jeronymo, muito grande he a herança, que recebestes de vosso Beatissimo; e glorioso Doutor? Porém adverti, que tem huma clauzula esta vossa herança, e he, que para a lograredes, haveis de tambem ser como elle sal, isto he (por nos não tirarmos do discurso) q̄ vos haveis de mostrar liberaes desse sal, dessa doutrina, e desse amor sobpena de ficardes desherdados.

A mulher de Lot perdeu a fórma humana, e a transformou Deos em estatua de sal: *Versa est in statuum salis.* (44) Pois que culpa cõmetteu esta mulher, e porque tem este castigo? Ora direy com Lyra; a mulher de Lot negou humas pedrinhas de sal para o tépero do comer de hũs hospedes, q̄ Lot teve, q̄ na realidade eraõ Anjos: *Quia nocte precedenti peccaverat in sale, petenti enim Lot pro condimento cibi Angelorum, ipsa renuit apportare.* (45) Ah sim! Pois converta-a Deos em Estatua de sal, para que se conheça, que o negar as pedrinhas de sal da doutrina, do exemplo, do Sermaõ, da Confissãõ, &c. seraõ sal por filhos do sal, porém seraõ sal de Estatua por castigo: *Versa est in statuum salis.*

Porém vos ditozos, e illustres filhos, não
te-

(44)
Genes. cap. 19.
n. 26.

(45)
Lyra super is.
ta verba.

tenho receyo de ficardes desherdados, mas antes sim muito esrequecidos, porque nos confessionarios, Pulpitos, e cadeiras sois huns verdadeiros administradores do sal da doutrina, pois em tudo mostrais ser filhos de semelhante Pay, sal pela liberalidade, pela muita graça, e ar, que teve do Espirito Santo: *Aer significat dona Spiritus Sancti*: comprindo em tudo com o mandato do Senhor: *Vos estis sal terræ.*

Tenho acabado em quanto aos discursos, em q̄ vimos a Jeronymo sal mystico da Igreja segũdo as tres letras do mesmo nome sal. A. e L. no S. sabio; no A. amante; e no L. liberal; a semelhança do sal material por agua, calor, e vento; mas ainda o melhor me falta, que he provar, e confirmar os discursos com aquelle amante Deos Sacramentado.

A'quelle Sacramento Augustissimo chamou Santo Thomaz o *Non plus ultra* das maravilhas de Christo, e o *máximum quod sic* de todos os seus prodigios: *Miraculorum ab ipso factorum, plus dare non potuit.* (46) Pregũto, e porq̄ hade ser aquelle Augusto Sacramento tão grande, tão milagroso, e tão admiravel: Porque hade decifrar, e cõter a maravilha das maravilhas, e o prodigio dos prodigios de Christo: *Miraculorum ab ipso factorum máximum?* Sabem porque? Porque

(46)

S. Thom.

(47)
Joan. Oforius
tom. 4.

(29)
Benedict. Fi-
del. in Psalm.

(49)
Cellada in
Ruth. 179.

aquelle Sacramento he mar : *Mare* , & ejus
effectus guttae sunt. (47) Aquelle Sacramento he
Sol fervente : *Sol fervens.* (48) Aquelle Sacra-
mento he ar : *Respiratio.* (49) Ah sim ! Pois Sa-
cramento , que para o sal mystico da Igreja dà
como mar aguas da Sabedoria , como Sol in-
cendios de amor , e como ar a respiração para
a liberalidade ; seja o *Non plus ultra* das mara-
vilhas , e o *Maximum quod sic* de todos os prodi-
gios de Christo ; *Miraculorum ab ipso factorum
maximum , plus dare non potuit.*

Estaõ confirmados os discursos, e bem sey ,
que a minha devoção não fica dezempenha-
da ; porque, se as cousas grandes não tem lou-
vor como disse Aristoteles: *Magnorum non est la-
us sed admiratio* : que louvor poderá ter o maxi-
mo, e principalmente sendo o orador menor ;
porem a onde não chegou a eloquencia da
minha Rhetorica , chega muito o dezejo do
meu affecto , porque este sò dezejou elogiar
com acerto os louvores do Pay em presença
dos filhos.

E vòs meu Divino Jeronymo se hoje com a
Igreja vos mostrey sal mystico della por sabio ,
amante , e liberal ; mostray em tudo ser Sal ;
bem sabeis , que a obrigação do orador he fa-
zer supplicas a quem elogia ; huma vos quero

eu fazer , a que vòs naõ podeis faltar ; e he ; que no Baptifmo de cada hum de nõs , quando se nos meteu o Sal na boca se pedio a Deos, que nos fizesse fervorozos em o espirito, alegres com a esperança e servos do Senhor :
*Ut creatura tua fit spiritu fervens, spe gaudens tuo
 semper nomini serviens.* (50) Hoje pois , que temos a vòs mystico sal nos nõstros corações , infallivelmente nos haveis de conceder os effeitos de sabedoria , amor , e liberalidade ; sabedoria com espirito , amor com esperança , e servir a Deos com liberalidade ; servir a Deos com liberalidade para termos ar de graças , amor com esperança para possuirmos ardètes influxos do Divino Sol , sabedoria com espirito , para que navegando em este mar , vamos ao porto dezejado dessa Gloria. *Ad quam, &c.*

(50)
 In Ceryptosi
 niali Eccles.

Soli Deo Honor, & Gloria.

*Totum subjicio Sanctæ Romanæ Ecclesiæ, Corre-
 ctioni que Doctõrum.*

FINIS.



est tunc & que vos non podis fateri; et hinc
 quia non habetis de corda dum de nos; quia
 de se nos inveniunt salua hoc se pedis & de
 que nos habetis seruosos em o elpino
 aliter conu a spianca e seruos de seruos
 Ut inueniatur in se seruos; per gaudium suo
 semper inueniatur seruos (eo) Hic seruos; que se
 inora vos inuicem saluos nos nos conuicet; in
 saluamente nos habetis de conuictos esse
 nos de la pedora; amor; et liberalitate; ab
 doria con elpino; amor con elpianca; e
 seruos de seruos con liberalitate; seruos a Deo
 con liberalitate para seruos a de gaudium
 amor con elpianca para post inuicem seruos
 inuicem de diuina solis de doria con elpino
 para que inuicem con esse inuicem; inuicem ad
 para de seruos de la gloria; inuicem; etc.
 ab inuicem a seruos con amor; inuicem
 Soli Deo Honor & Gloria
 Inuicem inuicem & Romanis & Anglis; conuicet
 Inuicem que de seruos

(14)
 (15)
 (16)
 (17)
 (18)
 (19)
 (20)
 In Capitulo
 Inuicem

FINIS

